

Um varal de palavras¹

Luísa Roig Martins²

Rafael Takaki³

Jairo Sanguiné Jr.⁴

Universidade Católica de Pelotas, RS

RESUMO

O presente *paper* refere-se à elaboração de uma reportagem para o jornal Diário Popular, de Pelotas (RS), especificamente para o caderno Zoom, especializado em Cultura. A matéria fala sobre o trabalho da artista plástica Elida Tessler, que trouxe à cidade entre os dias 18 de agosto e 19 de setembro de 2011 a exposição *Você me dá sua palavra?*. A mostra consiste em um grande varal onde se dispõem mais de quatro mil prendedores de roupa – cada um deles com uma palavra escrita à mão por pessoas que cruzaram o caminho da artista. A apuração jornalística foi feita por mim e a fotográfica pelo também estudante de jornalismo da Universidade Católica de Pelotas Rafael Takaki, em agosto de 2011.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; cultura; artes visuais; jornalismo interpretativo

1 INTRODUÇÃO

A concepção do caderno Zoom do jornal Diário Popular, de Pelotas (RS), está ligada à necessidade de se abordar, de forma especializada, assuntos relacionados à cultura e ao entretenimento na cidade. O suplemento de oito páginas (produzido por uma equipe de cinco pessoas, entre jornalistas e estagiários de jornalismo) circula de segunda a quinta-feira, sempre com uma matéria principal – a capa – e outras menores nas páginas internas. Pelotas é uma cidade que, embora ainda careça muito de políticas públicas voltadas à área, respira cultura a cada esquina, especialmente por oferecer curso superior de Teatro, Dança e Artes na Universidade Federal. Embora seja rica em termos de talentos locais, o intercâmbio com a cultura externa é de extrema importância para que os horizontes se abram e as inspirações surjam. Por isso, a galeria A Sala, do Centro de Artes da UFPel, em

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Jornalismo Interpretativo.

² Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, e-mail: luisaroigmartins@gmail.com.

³ Estudante do 5º Semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, e-mail: takakifotos@gmail.com.

⁴ Professor orientador do trabalho, e-mail: jairosanguine@gmail.com.

2011 trouxe vários nomes de fora da região sul do Estado, principalmente da capital e da Serra Gaúcha – fato viabilizado a partir de verba concedida pelo Programa de Extensão Universitária (ProExt) do Ministério da Educação. Um desses nomes é Elida Tessler, artista plástica porto-alegrense e professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Nas malas que trouxe a Pelotas, não estavam só os pertences que ela necessitaria para sua estadia, mas também cerca de quatro mil prendedores de roupa que ela carrega como se fossem parte da sua identidade. Presos em um grande varal, eles formaram a mostra *Você me dá sua palavra?*, abordada na capa do caderno Zoom de 22 de agosto de 2011. O texto foi elaborado por mim e as fotos pelo também estudante de jornalismo da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) Rafael Takaki.

2 OBJETIVO

A publicação dessa reportagem teve como proposta oferecer uma análise sobre a obra da artista, a partir de minhas próprias percepções. Para fazer valer o objetivo primordial, o de divulgar a exposição ao público leitor, ao fim da matéria foi incluído um box com o “Serviço”, onde puderam ser conferidos o endereço da galeria e os dias e horários abertos à visita.

3 JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica à medida que é extremamente importante e necessário fazer a produção de bens culturais circular na sociedade, já que o acesso à cultura em suas mais variadas formas é um ponto-chave à transformação social. Segundo Gomes (2009, pg. 3), essa é a missão do jornalismo cultural: “Complementarmente, o jornalismo cultural pode servir como veículo para que parte desta produção chegue ao público”. Gomes atribui dois gêneros de textos ao jornalismo cultural: o informativo – “cuja prioridade é contar ao leitor algo que ele não sabe” – e o opinativo, “cuja ênfase é apresentar ao leitor a opinião do jornalista sobre uma obra ou evento cultural”.

Inscrevo esta matéria na categoria Produção em Jornalismo Interpretativo do XIX Prêmio Expocom por um motivo bem simples: não vejo como classificá-la apenas como informativa e não utilizo a primeira pessoa para opinar sobre a obra. O jornalismo

interpretativo se mescla com o jornalismo literário, conceituado por Pena (2008, p.21) como uma

“linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. (...)”.

Portanto, ainda segundo a definição de Pena, uma reportagem cultural não se trata da oposição entre informar e entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados.

Umberto Eco (2000, p.44) diz que um texto pode estimular um número infinito de interpretações que coabitem o espaço intermediário entre a intenção do autor e a do leitor. “Um texto outra coisa não é senão a estratégia que constitui o universo das suas interpretações legítimas”. Segundo Keske (2006, p.5), é o próprio texto quem produz seu leitor-modelo, capacitando-o a desenvolver uma ou várias conjecturas interpretativas, a partir de bases ou matizes por ele fornecidas.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

As pautas do caderno Zoom são discutidas pelo editor de cultura em parceria com a equipe de jornalistas e estagiários do jornal Diário Popular. Normalmente, as pautas da semana são definidas na sexta-feira anterior com base em material de assessoria passível de ser ampliado. O material enviado pela assessoria da galeria A Sala foi avaliado pela equipe como detentor de um valor cultural significativo - portanto, entrou na pauta semanal.

A artista estaria presente em uma manhã sexta-feira para uma palestra com os alunos do curso de Artes da UFPel. Delegada a pauta a mim, marquei de entrevistá-la pouco antes da palestra. Após um “bom dia”, a primeira coisa que Elida me disse foi: “Você me dá sua palavra?”. Escrevi a palavra “jornalismo” e ela o adicionou no varal. Foi o ponto de partida para a elaboração do texto, demonstrando que a produção textual vai além das informações coletadas das fontes: está calcada também na interpretação do que circula à volta do fato em si (no caso, a exposição).

A fotografia foi feita por Rafael Takaki enquanto eu e Elida conversávamos sobre seu processo criativo. De acordo com Kotsch (2003), “o repórter nunca deve se esquecer que o texto e as fotos têm exatamente a mesma importância dentro do jornal. Por isso, o repórter não só pode como deve se preocupar com o trabalho do fotógrafo – e viceversa”.

De acordo com Mühlhaus (2007), é por meio da entrevista que a mídia alimenta a idealização de subjetividades. Pensar a entrevista é, portanto, pensar uma fábrica de identidades e símbolos da sociedade atual.

Valho-me das palavras de Caco Barcellos ao falar sobre Eliane Brum, em prefácio do livro *O olho da rua*: reportagem é um ato de envolvimento intenso entre repórter e personagem e, mais que isso, é a arte da escuta. Os métodos rigorosos de apuração jornalística contrastam, no caso desta reportagem – misto entre literatura, informação e percepções da repórter -, com aquilo que o jornalismo oferece de melhor: o ouvir e o ver de perto.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto da apuração foi uma reportagem em sete parágrafos, sem retrancas (colocar subtítulos me pareceu desnecessário, já que “cortava” a fluidez do texto). Na redação, começa-se fazendo uma referência a Caetano Veloso e Fernando Pessoa, com o treco “minha pátria é minha língua”, para contextualizar o universo da obra de Elida: a pesquisa em artes plásticas que converge o legível (as palavras) com o visível (transformá-las, as palavras, em arte). O texto não se encaixa no que se chama “padrão jornalístico”, que inclui a estrutura de pirâmide invertida e a objetividade, por exemplo. Foram utilizados elementos da poesia, das impressões pessoais, em um texto mais livre, na tentativa de ser leve e, ao mesmo tempo, profundo.

A matéria traz a fotografia como *punctum* da página, ocupando as quatro colunas na qual o texto foi distribuído. A elaboração textual passou pelo conceito de Lage (2001): “O repórter está onde o leitor, ouvinte ou espectador não pode estar. Tem uma delegação ou representação tácita que o autoriza a ser os ouvidos e os olhos remotos do público, selecionar e lhe transmitir o que possa ser interessante”. No caso, a repórter procurou ser os olhos de quem ainda não havia comparecido à exposição, mas com o claro propósito de fazer o maior número possível de pessoas irem prestigiar a sensível obra de Tessler.

Após diagramada, a matéria foi titulada e legendada também por mim. No dia da publicação, 22 de agosto de 2011, a contracapa do Diário Popular estampou fotografia e chamada ao destaque da editoria de cultura. A reportagem foi veiculada também na web, em versão reduzida (disponível em <http://www.diariopopular.com.br/site/content/zoom/detalhe.php?noticia=3642>).

6 CONSIDERAÇÕES

Por meio da reportagem, tivemos a oportunidade de conhecer o sublime trabalho de uma artista que preza pela simplicidade na hora de desenvolver uma “obra de arte” em forma de um varal que guarda a palavra de cada pessoa que cruzou seu caminho. Foi uma forma de chamar atenção para o “consumo” da cultura, embora as visitas fossem gratuitas, e romper a barreira de que mostras de arte são “enfadonhas”. No panorama atual mundial, matérias como esta estimulam o leitor a ter um apreço e um contato maior com a cultura, seja ela de que forma for – pintura, escultura, gravura ou “um varal de palavras”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ECO, U. **Os limites da interpretação**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GOMES, F. **Jornalismo cultural**. Brasileirinho Produções, 2009. Disponível em <http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>.

KESKE, H. I. **Da expansão do texto ao estudo da cultura**. Unirevista, 2006. Disponível em http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Keske.PDF

KOTSCH, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ed. Ática, 2003

MÜHLHAUS, C. **Por trás da entrevista**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

BRUM, E. **O olho da rua**. São Paulo: Globo, 2008.

ANEXO - O texto da reportagem

Um varal de palavras

Elida Tessler utiliza prendedores de roupas como guardiões de palavras alheias; mais de quatro mil deles integram a nova mostra d'A Sala

Caetano Veloso cantou Fernando Pessoa: “Minha pátria é minha língua”. Você diz uma palavra. Ela voa. Bate asas, dá a volta ao mundo e, finalmente, retorna para casa. Assim, feito andorinha. Porque as palavras são vivas – carregam histórias e memórias. E se você trocar uma dúzia delas com a artista plástica Elida Tessler, provavelmente lhe será feito um questionamento: “Você me dá sua palavra?”. Aceite, escolha e a escreva no prendedor de roupas que ela oferecer. E a sua palavra será recolhida e ressignificada. Presa em um varal, mas solta para quem lê. Na galeria A Sala, do Centro de Artes, são 4.246 à mostra. Juntos, os prendedores formam uma instigante estética visual aberta à visitação até o dia 19 de setembro.

Parece simples, e é. Começando pela pergunta que intitula a mostra. “Quem pede a palavra, dá a palavra”, diz a artista porto-alegrense, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sua fala revela uma das sublimidades de seu trabalho: a aproximação. É como se a palavra escrita fosse uma forma de eternizar o estabelecimento de uma relação pessoal entre ela e uma pessoa qualquer. E esse contato tanto pode ter décadas como cinco minutos de duração.

O taxista, o amigo, a repórter que a entrevista, a filha, o fiscal do aeroporto, a húngara que ela conheceu em uma viagem. “Luz”, “procura”, “flexibilidade”, “metamorfose”, “vertigem”, “brincadeira”. Quem escolheu o quê? Para quem está de frente ao lado a lado das palavras, em um varal que o olhar percorre como se fosse um texto desconexo, é impossível saber. Elida sim, sabe. “Lista-las é como listar nomes. Tenho o maior respeito por essa obra e pela palavra de cada um”, afirma.

O trabalho iniciado em 2004 carrega a proposta de ser infinito. “Vai durar enquanto eu viver”, explica. Para onde quer que vá, leva a mala das palavras – que cada vez engorda mais. O primeiro prendedor da sua coleção de histórias é de Macapá. Ela conta: “Cheguei e fui informada de que o prefeito da cidade havia sido preso. Perguntei por quê. Responderam: ‘Ele faltou com a palavra’”. E a inspiração brotou.

“Me interessa muito o gesto, o atrito entre a caneta ou o lápis e a superfície de madeira”, revela Elida. Sua pesquisa na universidade sempre esteve relacionada à junção entre visível e legível, mas é a primeira vez que trabalha com o manuscrito, fazendo de um simples prendedor um suporte da escrita de próprio punho. O conjunto deles tira, mais do que um fluxo de linguagem, um jogo de caligrafias, cores, texturas e direções.

E a exigência que acompanha a pergunta-tema é uma só: “Pode ser qualquer palavra. Só peço que escrevam na sua língua materna”. Por isso, não é incomum você se deparar com a palavra “cerveja” – alguém a escolheu! – ladeada por um símbolo chinês. Este, por sua vez, pode estar seguido de um verbete armênio. Na sequência, um substantivo grego e, então, outro português (talvez “amor”, a primeira palavra escrita e a que mais se repete ao longo dos anos, segundo Elida). Mas na próxima mostra, esses prendedores não estarão no mesmo lugar. “A disposição é sempre aleatória”, diz.



Passa o tempo e Elida ganha mais palavras. E se para ela os prendedores são presentes, para o espectador são poesia. Um trabalho coletivo, anônimo mas nem tanto (pois a assinatura é o próprio manuscrito), em que impera a bilateralidade: você dá sua palavra; a artista põe o mundo dessa palavra em circulação.